

Revista Gestão & Conexões

Management and Connections Journal

Vitória (ES), v. 10, n. 2, mai./ago., 2021

ISSN 2317-5087

DOI: 10.47456/regec.23175087.2021.10.2.36025.122-144

Chiara Gomes Costanzi

Universidade Federal de Minas Gerais

(Belo Horizonte, MG, Brasil).

chiaragcostanzi@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8885-1093>

Juliana Schneider Mesquita

Universidade Federal do Espírito Santo

(Vitória, ES, Brasil).

juuu_schneider@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2268-877X>

“São essas mínimas coisas do dia a dia que vão te colocando no seu lugar, sabe, que não é ali”: O Cotidiano de Pesquisadoras Negras no Contexto Acadêmico da Administração”

“It's these minimal everyday things that will put you in your place, you know, it's not there”: The Daily Life of Black Researchers in the Academic Context of Administration”

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar as táticas e estratégias mobilizadas por pesquisadoras negras da área da Administração no Brasil para ocupar espaços em instituições federais de ensino superior. Partimos da perspectiva do cotidiano de Michel Certeau e das contribuições da abordagem da interseccionalidade que, juntas, permitirão compreender como estes dispositivos significados de poder de gênero, raça e classe atravessam a existência dessas pesquisadoras, que afetam e são afetadas pelas suas táticas e estratégias cotidianas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva que envolveu entrevistas em profundidade analisadas sob a abordagem da análise francesa do discurso. Os principais resultados apontam que, apesar de todas dificuldades e obstáculos, as mulheres negras têm ocupado um espaço próprio dentro da academia e dos estudos em Administração, a partir do qual suas táticas se modificam para funcionar dentro das fissuras de novas dinâmicas de poder, causadas a partir de dispositivos de poder socialmente construídos.

Palavras-Chave: interseccionalidade; cotidiano; táticas; estratégias; gênero.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the tactics and strategies mobilized by Black researchers in the field of Administration in Brazil to occupy spaces in federal institutions of higher education. We started from the daily perspective of Michel Certeau and the contributions of the intersectionality of approach, which together will allow us to understand how the meaning power dispositives of gender, race, and class cross the existence of these researchers and affect and are affected by their tactics and everyday strategies. This is a qualitative and descriptive research that involved in-depth interviews analyzed under the theoretical-methodological approach of French discourse analysis. The main results show that, despite all difficulties and obstacles, Black women have occupied their own space within academia and Administration studies, from which their tactics are modified to work within the fissures of new, different power dynamics of the previous ones, but all caused by socially constructed power dispositives.

Keywords: intersectionality; daily; tactics; strategies; gender.

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Endereço

Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras

29.075-910, Vitória-ES

gestaoeconexoes@gmail.com

gestaoeconexoes@ccje.ufes.br

<http://www.periodicos.ufes.br/ppgadm>

Coordenação

Programa de Pós-Graduação em

Administração (PPGADM/CCJE/UFES)

Artigo

Recebido em: 20/07/2021

Aceito em: 22/07/2021

Publicado em: 06/08/2021

Introdução

A inserção da mulher no mercado de trabalho e seu acesso ao ensino superior têm desafiado as construções tradicionais de gênero presentes nesses espaços. Cotidianamente as mulheres mobilizam táticas e estratégias para ocupar cargos que foram historicamente construídos como um não lugar para elas. Construções estas que tendiam e ainda tendem, em termos de influências ideológicas, a confinar sujeitos a determinados espaços profissionais (e sociais). Com o decorrer das últimas três décadas, pesquisas sobre a problemática de gênero perceberam que além da posição que as mulheres ocupam dentro da sociedade deve ser dada atenção também às assimetrias dentro dessa mesma posição, evidenciadas quando a questão de gênero é interseccionada com relações de raça e de classe (Hirata, 2014). Fatores evidenciados principalmente pela discussão sobre a questão das mulheres negras que começa nos anos 70, com o *Black Feminism* (Collins, 2019; Davis, 2016).

As mulheres, principalmente as negras, ainda ocupam os cargos de maior vulnerabilidade, onde a regulamentação ainda é inexistente ou incipiente, como no caso das trabalhadoras domésticas e cuidadoras de idosos e doentes mentais (Teixeira, Saraiva, & Carrieri, 2015). A análise de dados censitários brasileiros tem demonstrado também que a inserção de pessoas negras nas carreiras universitárias ocorre em maior parte nas carreiras socialmente construídas como femininas (Beltrão, & Teixeira, 2004). Nessa pesquisa, consideramos que as categorias interseccionais de raça e gênero como construções sociais dentro do contexto histórico brasileiro produziram determinados processos de identificação e formas de estigmatização e de desigualdade próprios (Guimarães, 2006). Nesse sentido, os enfrentamentos e conseqüentemente às táticas mobilizadas pelas mulheres cotidianamente também serão diferentes e afetadas por essas categorias.

No Brasil, apesar das ações afirmativas de acesso ao ensino implantadas a partir do ano 2000 terem alterado em certa medida a composição dos estudantes de graduação nas instituições públicas de ensino superior, principalmente nas áreas consideradas de alto prestígio (Santos, & Queiroz, 2013), uma grande crítica ainda é a falta de representatividade desses indivíduos no corpo docente dessas mesmas instituições. O corpo docente das instituições de ensino superior é formado em grande parte por não negros, fato que é agravado pela falta de ações afirmativas no acesso e permanência na pós-graduação (Minella, 2013; Santos, 2007). Por isso a importância de estudos sobre gênero em uma abordagem interseccional na literatura a fim de compreender as diferenças entre as táticas e estratégias cotidianas de mulheres pesquisadoras negras e não negras.

Estudos que analisam a presença de mulheres nas diversas áreas do conhecimento demonstram que a busca por uma carreira de prestígio não acontece de forma similar entre os gêneros (Barreto, 2015). Cursos que se construíram socialmente como de maior prestígio são aqueles onde os homens são maioria e as mulheres foram associadas aos cursos menos tradicionais e que são ligados ao cuidado. A preferência de meninas por esses cursos só pode ser fruto de hábitos socialmente construídos, uma vez que o coeficiente de rendimento de alunas no geral é maior do que dos alunos (Vasconcellos & Brisolla, 2009).

Perante essa contextualização, o objetivo desse estudo é analisar as táticas e estratégias mobilizadas por pesquisadoras negras da área da Administração no Brasil para ocupar o seu espaço em instituições federais de ensino superior. Considerando os conceitos de estratégia e táticas como práticas, que se associam à perspectiva do cotidiano e do contexto dos indivíduos e que influenciam seus saberes-fazer, o problema de pesquisa que se apresenta é: quais são as táticas e estratégias cotidianas de sobrevivências de mulheres negras pesquisadoras sob a perspectiva interseccional?

Ensejamos com este trabalho contribuir para o campo dos Estudos Organizacionais ao trazer reflexões sobre as diferentes artes de fazer, relacionadas às estratégias e as táticas dessas cotidianas dos sujeitos comuns (Certeau, 1994), que buscam reconhecimento e espaço em suas vidas profissionais e pessoais. Tais reflexões podem evidenciar “novos” saberes e novas formas de entender a realidade cotidiana dessas mulheres. Nesse sentido, contribuimos para o campo ao resgatar saberes e práticas que produzem dinâmicas específicas de enfrentamento cotidiano pela sobrevivência dentro da academia, uma vez que essas mulheres são marcadas por interseccionalidades de gênero, raça e classe.

Este artigo está dividido nessa introdução, seguido do referencial teórico que foi dividido em dois tópicos: 1) Interseccionalidades: a articulação entre gênero, raça e classe; e 2) Táticas e estratégias: a perspectiva do cotidiano. Logo depois apresentamos o percurso metodológico e as sujeitas da pesquisa. A seguir temos as análises, que são apresentadas no tópico “Mulher, preta e pobre, o que mais essas mulheres têm em comum?”. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

Interseccionalidades: a articulação entre gênero, raça e classe

Em uma definição pós-estruturalista clássica, gênero, para Scott (1989), é uma percepção sobre as diferenças sexuais, sendo essas construções sociais. E, nesse sentido, gênero se associa a relações de poder, as quais, em um sentido foucaultiano, são uma primeira forma de dar sentido às relações, e à própria constituição do que seja masculino e feminino (Souza, 2016). Nessa perspectiva, defende-se a existência de um processo contínuo e histórico de reprodução, cujas práticas e estratégias determinam a construção social também dos corpos, trazendo a ideia do gênero como performance, como algo que se faz e não se é (Butler, 2004). Saffiotti (2009, p. 82) acrescenta ainda que “mais do que papéis sociais que se aprende nos processos de socialização, são as identidades sociais (gênero, raça, etnia, classe) que vão gestando a subordinação, a partir das experiências vividas que colocam as mulheres nesse lugar”.

O conceito da interseccionalidade foi primeiramente proposto por Kimberlè Crenshaw (1989) para referir-se às desigualdades que atingem as mulheres negras e à forma pela qual o racismo, as relações patriarcais, a opressão de classe e outros eixos possíveis de poder e discriminação criam desigualdades. Entendemos a interseccionalidade, portanto, como o cruzamento recíproco de forças associadas à construção de pertencimentos identitários que se completam no processo de subalternização (Akotirene, 2019; Davis, 2016).

Ao pensarmos interseccionalmente, devemos estar atentos, pois, segundo Kergoat (2010, p. 98), “pensar em termos de cartografia nos leva a naturalizar as

categorias analíticas [...]. Dito de outra forma, a multiplicidade de categorias mascara as relações sociais. [...] As posições não são fixas; por estarem inseridas em relações dinâmicas, estão em perpétua evolução e renegociação”. Além disso, a autora criticou em outro texto, chamado *Se battre, disent-elles...* de 2012, o fato de muitas vezes pesquisadores pensarem em interseccionalidade como diversas categorias além de gênero, raça e classe, como religião e região, colocando-as em um mesmo nível e provocando uma fragmentação que pode culminar no apagamento das violências. Ressalta também que interseccionalidade deve ser pensada em um contexto de relações sociais que foram socialmente construídas e considerando as dimensões materiais da subordinação (Kergoat, 2012).

Mesmo que o conceito raça já tenha sido desconstruído do ponto de vista biológico, ele ainda é um potente conceito descritivo e analítico das relações sociais (Gonzalez, 2018; Teixeira, Oliveira, & Carrieri, 2020). O discurso da mestiçagem introduzido no Brasil no século XIX, associado ao do branqueamento, parece ter, mais recentemente, operado uma dualidade: a cultura mestiça, é celebrada como símbolo da identidade nacional, entretanto, ela permanece segregada da cultura branca, que não pleiteia simbolizar a nação, mas se mantém dominante (Nascimento, 2016). Os brancos celebram a miscigenação da qual não fazem parte (Costa, 2009; Machado, 2002). O discurso da mestiçagem serve, por exemplo, para ratificar o mito da democracia racial (Fernandes, 1972; Guimarães, 2006).

A discussão racial é negada nos estudos organizacionais (Conceição, 2009) e essa ausência no campo teórico brasileiro pode ser vista como um dos efeitos do dispositivo da racialidade na validação científica. Inspirada nas discussões da analítica do poder de Michel Foucault, Sueli Carneiro (2005) propôs que o exercício do biopoder nas sociedades modernas concebeu, além do dispositivo da sexualidade, o dispositivo da racialidade. Assim, a autora afirma que os silêncios têm lugar privilegiado. Desse modo, compreender a dinâmica discursiva que enfeixa as relações raciais no Brasil significa a percepção do silenciamento da questão racial. Também a negação sobre a interseccionalidade entre as desigualdades sociais brasileiras e as relações sociais discriminatórias é uma das estratégias centrais do dispositivo da racialidade.

Quanto às questões de classe, autores apontam para um esvaziamento histórico da coletividade e um aumento do individualismo provocados pela ideologia neoliberal (Irwin, 2015) implementada pelo capitalismo tardio. Assim, na atualidade, classe se configura como um tipo específico de estruturação da desigualdade social, e a identidade de classe será construída a partir das experiências subjetivas dos sujeitos quanto à desigualdade e à diferenciação em contextos históricos, políticos e sociais particulares (Bottero, 2004). Mulheres negras se encontram na base da pirâmide social brasileira (Conceição, 2016), ocupando trabalhos mal remunerados e de status não reconhecidos socialmente. Por estes (e outros) motivos, que a articulação dessas três categorias (gênero, raça e classe) para pensar a realidade das mulheres negras é uma unidade indissociável (Hirata, 2014).

Se classe, raça e gênero são considerados eixos de poder, é pertinente trazer à discussão as considerações foucaultianas: poder não é uma propriedade, senão uma relação. As relações de poder alteram-se reiteradamente, surgindo novos conflitos e novos pontos de resistência, conseqüentemente, produzindo novos sujeitos (Foucault, 1995). Desse modo, a depender da contextualização, o conceito de interseccionalidade pode ser utilizado não somente para salientar um enfoque

negativo, de opressão e desempoderamento, mas pode também – como enfatiza Crenshaw (1989) – ser aplicado para a mobilização política.

A discriminação interseccional é particularmente complexa e de difícil identificação em contextos em que forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o cenário (Almeida, 2019), de forma a situar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação (Akotirene, 2019). Por ser tão comum, a ponto de parecer natural ou pelo menos imutável, esse cenário estrutural é, muitas vezes, invisível. O resultado disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto a estrutura que põe as mulheres em lugares de subordinação permanece oculta (Almeida, 2019).

Além das variáveis gênero e raça, outras também irão influenciar as situações de vulnerabilidade as quais essas mulheres serão expostas, como por exemplo, a classe social, a localização geográfica, a idade, a escolaridade e o fato de ter filhos ou não. Dentro da carreira científica, outra variável será a área de estudos das pesquisadoras, uma vez que no contexto da divisão sexual do trabalho, acabam sendo atribuídas importâncias diferentes a diferentes áreas do conhecimento (Lombardi, 2004).

Nelly Richard (2002) constatou que, na divisão global do trabalho, o trânsito da teoria entre os centros e as periferias se faz a partir de uma troca desigual: enquanto o centro acadêmico teoriza, espera-se da periferia o fornecimento de estudos de caso. Em outras palavras, a periferia é reduzida ao lado prático da teoria, ou, utilizando uma outra oposição binária, a periferia torna-se o corpo concreto em oposição à mente abstrata do feminismo acadêmico (Lugones, 2014).

Táticas e estratégias: a perspectiva do cotidiano

Entendemos nessa pesquisa que, para ocupar espaços que não são seus, as mulheres operam táticas que, na perspectiva de Michel de Certeau (1994), são golpes, manobras, atos que ocorrem no espaço ocupado pelo outro motivados pela ausência de um próprio (Cabana, & Ichikawa, 2017). É a partir de suas táticas cotidianas, então, que a mulher encontra formas de manobra à ordem patriarcal socialmente imposta, criando constantemente formas de existir no mundo. As estratégias que se relacionam, assim como as táticas, aos modos de fazer dos indivíduos são, para Certeau (1994), o movimento de estabelecer um lugar próprio para si, de onde se passa a exercer poder sobre os outros, contribuindo para a própria manutenção do *status quo*. Essa perspectiva do cotidiano é relevante, pois é o lugar que permite a realização e interação de diversos modos de fazer, que podem ir de encontro com aquilo que é normativamente imposto pela sociedade (Barros, & Carrieri, 2015).

Nesse sentido, diversos pesquisadores têm, por meio da perspectiva certeuniana sobre o cotidiano, partido para uma tentativa de resgate de olhares sobre os saberes e práticas que são mobilizados pelos indivíduos nas suas práticas organizativas e de (re)construção da história a partir do cotidiano (Carrieri et al., 2012; Barros, & Carrieri, 2015; Ferreira, 2016). Além disso, por acreditarem que ela também pode permitir evidenciar como as estruturas sociais afetam e são afetadas pelas ações cotidianas das pessoas (Certeau, 1994). Contudo, essa é uma

abordagem ainda marginalizada dentro dos estudos organizacionais em administração, se comparada às suas possibilidades (Barros, & Carrieri, 2015).

Acreditamos que, ao utilizá-la nesse estudo, contribuímos para a compreensão de como mulheres comuns, atravessadas pelos dispositivos de poder interseccionais de gênero, raça e classe, empenham táticas e estratégias para sobreviver num espaço que para elas foi construído historicamente como um não-lugar (Teixeira, 2016), como o campo acadêmico da Administração. E que elas empreendem esforços físicos, intelectuais e emocionais para sobreviver nesse contexto. Estes indivíduos e saberes acabaram ficando de fora das grandes narrativas tradicionais do fazer científico, tornando a abordagem do cotidiano, em uma possibilidade para reconhecer e ampliar vozes e discursos que são excluídos da História tradicional.

Romper com a narrativa do *status quo*, a partir das críticas a ele, faz com que se possa em diferentes níveis, possibilitar de desestabilização dessa ordem “natural” que está posta. Por isso, as táticas e estratégias sobre as quais Certeau (1994) fala se relacionam também com resistência e poder, podendo ser apreendidas pelo discurso dos indivíduos sobre elas (Foucault, 1992). A partir desse movimento de deslocamento para um olhar crítico sobre a gestão, pode-se localizar a mobilização de saberes de diversas formas pelos sujeitos e de compreender a existência de processos históricos diferentes, mas simultâneos (Carrieri et al., 2012).

O fazer cotidiano acontece a partir do que Certeau (1994) denomina como artes de fazer, práticas comuns são mobilizadas cotidianamente, podendo ser relacionadas tanto com o conceito teórico proposto de táticas e estratégias. Essas mobilizações são feitas constantemente pelos sujeitos ao atuarem socialmente, nunca de forma consciente, mas por meio de ações instintivas para existir no mundo. Todavia, essas ações não podem ser desassociadas das relações de poder em que se inserem. A partir dessa localização na estrutura social, os indivíduos exercem e são afetados pelas dinâmicas de poder coproduzidas, que também se constrói e se modifica durante as ações cotidianas disponíveis aos sujeitos para exercer seu poder sobre os demais e assim, estabelecer um lugar próprio para si dentro da estrutura social (Cabana, & Ichikawa, 2017).

Por outro lado, as táticas não se relacionam ao lugar de poder ocupado, mas acontecem no espaço controlado pelo outro. São golpes, maneiras de aproveitar a ocasião, atos que ocorrem determinados pela ausência de um próprio (Gouvêa, & Ichikawa, 2015). Ao perceber uma oportunidade, os indivíduos operam verdadeiras manobras, para aproveitá-las. Nesse sentido, as táticas se relacionam com a astúcia popular, com a inteligência cotidiana (Carrieri, Perdigão, & Aguiar, 2014). Desenvolve-se, nesse sentido, uma habilidade de manobrar entre conjunturas. Além disso, como afirmam Cabana e Ichikawa (2017), as táticas se relacionam constantemente com as estratégias e, juntas, elas compõem as práticas cotidianas. É interessante pensar como a multiplicidade de relações que são estabelecidas no cotidiano formam vários fragmentos de formulações e de experiências, que darão sentido para o sujeito sobre a totalidade do mundo. Essas novas formas de ver o mundo são construídas nas astúcias cotidianas e irão simultaneamente, na relação dialógica que se estabelece com o mundo, alterá-lo (Certeau, 1994).

A resistência ao que está dado pelas estruturas ocorre por uma incapacidade dos sujeitos em absorver de forma passiva as ideias. Ferraço (2017) afirma que estudar esses sujeitos historicamente relegados à margem é destacar os constantes reusos, reinterpretações, reinvenções, reconsiderações que são possíveis de serem

realizadas a partir de ações astuciosas, novas formas de praticar o que está estabelecido. Nesse sentido, “cotidiano não é um terreno estanque. Pelo contrário, é um território móvel, rico em interações sociais em que se tece a história e se reconstróem as memórias” (Gouvêa, Cabana, & Ichikawa, 2018, p.301). Concluímos, então, que as estratégias são o que permite que esses sujeitos postulem um lugar próprio para si, de onde exercerão poder sobre os outros (Certeau, 1994; Rodrigues, & Ichikawa, 2015) e desafiar as relações de poder existentes.

Percurso metodológico

Por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, visamos observar e descrever características de um fenômeno através de análise correlação entre fatos da própria realidade (Gil, 1994) com entrevistas em profundidade. Buscamos reconstruir a trajetória escolar e acadêmica das entrevistadas a fim de entender as práticas cotidianas de sobrevivência dessas mulheres em um lugar que foi socialmente construído como um não-lugar para elas (Teixeira, 2016).

A técnica de produção de dados utilizada foi a entrevista com roteiros semiestruturados, por meio da qual estabelecemos um roteiro prévio de questões, mas cujo processo permitiu flexibilidade na condução das entrevistas (Lakatos, & Marconi, 2002) e de adaptabilidade do roteiro para adequação às sujeitas entrevistadas e aos momentos singulares de produção dos dados. As entrevistas foram realizadas *online* via ferramenta de vídeo do *Skype*. Flick (2009) argumenta que as entrevistas *online* são uma ferramenta contemporânea da pesquisa qualitativa. No caso, as entrevistas foram realizadas de forma completamente síncrona e gravadas com a devida autorização das entrevistadas. As entrevistas foram realizadas nos meses de junho e julho de 2018, totalizando 3 horas e 53 minutos de áudios que foram posteriormente transcritos.

As sujeitas dessa pesquisa são mulheres negras pesquisadoras em instituições federais de ensino superior. O processo de escolha das entrevistadas foi por amostragem bola de neve, na medida em que as sujeitas foram aceitando participar da pesquisa. Esse processo se deu inicialmente por uma rede de contatos e pela indicação das próprias entrevistadas. Assim, três pesquisadoras foram entrevistadas. O número foi uma maneira a priorizar a complexidade e a subjetividade das narrativas de trajetória acadêmica e cotidiana das entrevistadas, o que poderia ser perdido caso uma representatividade numérica fosse priorizada. Em uma pesquisa qualitativa a especificidade dos sujeitos ou dos objetos estudados é o primordial (Degob, & Palassi, 2009), sendo assim o número de sujeitos nesse tipo de pesquisa não é um pressuposto que define sua validade científica (Rey, 2005).

A abordagem teórico-metodológica que será utilizada para a análise das narrativas produzidas é a análise do discurso de vertente francesa, a qual considera que os discursos são textos dentro de contextos (Van Dijk, 1997) a partir do que é dito, e de como é dito, inferir significados que não foram enunciados de forma explícita, o que é importante para os objetivos desta pesquisa. Por meio dessa abordagem, serão analisadas as escolhas lexicais; os percursos semânticos estruturados pelos discursos produzidos; aspectos explícitos, implícitos e silenciados (Faria, 2009; Saraiva, 2009) e as condições sociais da produção desses discursos.

Apresentando as sujeitas da pesquisa

Para preservar a identidade de nossas entrevistadas, se optou pela utilização de nomes fictícios e ocultamos também informações que pudessem identificá-las. São elas:

Camila, 36 anos na época da entrevista, hoje aos 39 anos, é doutora em Administração e professora em duas universidades públicas também na área, uma de nível federal e outra de nível estadual. É solteira, e vive com sua mãe e seu irmão, não possui filhos e atualmente mora em uma cidade de interior da região sul. Seu pai morreu quando ainda era nova, e sua mãe trabalhou em diversos empregos para que nada faltasse aos filhos. Quando era pequena, Camila não gostava da escola, a via como um ambiente entediante, não por falta de gostar de estudar, mas por precisar de diversos estímulos para se manter interessada.

Helena, no período da entrevista, tinha 35 anos, era mestranda bolsista em Administração em uma instituição federal e graduou-se em uma universidade particular com bolsa integral do PROUNI. Atualmente, aos 38 anos, é doutoranda, na mesma instituição federal de seu título de mestre e professora substituta em outra instituição federal de ensino. Na ocasião da entrevista, vivia com seu companheiro há 14 anos, e sua filha de 7 anos em uma capital da região sudeste. Sua mãe era empregada doméstica e, seu pai, pedreiro. Sempre estudou em escola pública. Com dificuldades financeiras, teve que largar os estudos para trabalhar. Sendo assim, terminou o ensino médio, e entrou para a graduação com idade maior que de seus colegas de classe, o que se repetiu no mestrado. Entrou para o doutorado em 2019 por meio do sistema de cotas para estudantes negros.

Luana, 24 anos no momento da entrevista, era mestranda bolsista em Administração em uma universidade federal e graduou-se em uma faculdade particular com bolsa integral do PROUNI. Hoje é mestra e se dedica à pesquisa e à gestão cultural, sendo integrante de um coletivo que atua nas comunidades na cidade em que vive. É divorciada, não possui filhos, mora sozinha em um bairro de periferia em uma capital da região sudeste. Sua mãe era técnica em enfermagem, e seu pai é pedreiro. Sempre estudou em escola pública e, durante a graduação, precisou trabalhar para custear os estudos, mesmo sendo bolsista. Entrou no mestrado por meio do sistema de cotas para estudantes negros.

Mulher, preta e pobre, o que mais essas mulheres têm em comum?

Todas as entrevistadas têm em comum o ensino médio em escolas públicas. Duas fizeram graduação em universidades particulares, e uma em pública. Também tiveram que se iniciar no mercado de trabalho muito jovens, motivadas pela necessidade de renda, algumas para ajudar diretamente nas despesas da casa, e outras indiretamente, arcando com suas próprias despesas.

Eu me lembro que pra eu conseguir chegar na faculdade a tempo, eu chegava mais cedo no trabalho. [...] Eu me lembro que pra não gastar dinheiro entre a faculdade e o trabalho eu ia a pé, e era [...] bem longe. Eu estudava no horário de almoço, [...] eu fazia a maioria das minhas pesquisas na construção civil, porque era mais fácil conseguir dados, entrevistar pessoas. (Luana) (AD01).

Eu comecei a graduação eu já trabalhava como técnica odontológica [...] e aí eu já me sustentava né ... já tinha meu dinheiro, eu já fazia a... trabalhava seis horas por dia... então eu trabalhava das sete da manhã a uma da tarde... aí eu ia pra faculdade à noite, só que como eu saía onze horas da noite... até eu chegar em casa... acabei mudando meu horário de trabalho pra sair umas sete e ir pra faculdade. (Camila) (AD02).

Na amostra discursiva acima, Luana resgata uma série de táticas que utilizava durante seu período de graduação e, sequencialmente, as ações que empregou para resolvê-las. Nesse período, muitos foram os obstáculos que encontrou cotidianamente, bem como as formas de existir junto a eles. Sua solução para o problema de “*chegar na faculdade a tempo*” (AD01) foi também chegar “*mais cedo no trabalho*” (AD01), para a falta de dinheiro, foi andar a pé, para estudar, usar o horário de almoço e para pesquisar, escolher objetos e campos que lhe eram convenientes. Essas formulações vão de encontro com o que Cantoral-Cantoral (2016) aponta sobre a organização do acontecer cotidiano a partir da relação entre as construções de tempos e espaços pelos indivíduos. Para gerenciar as múltiplas tarefas que devem desenvolver, subjetivamente os indivíduos estabelecem um “uso adequado do tempo” (Cantoral-Cantoral, 2016, p.74).

Já na amostra de Camila o ato de trabalhar assume significados que dialogam com discursos sobre a existência de uma norma a ser seguida na trajetória profissional dos indivíduos. O percurso tradicional seria entrar na faculdade, e depois arrumar um emprego, mas ela inverte essa ordem ao entrar já com o emprego. Ao utilizar duas vezes a expressão “*já*” (AD02) evoca zonas de sentido que de que entrar na graduação trabalhando seria precoce. Na construção social, trabalhar também indica, principalmente para mulheres que normalmente estão inseridas em contextos de vulnerabilidade social e controle financeiro por parte da figura masculina, uma forma de emancipação. Por outro lado, quando iniciados antecipadamente, sofre com um sistema onde também significa uma dedicação de uma carga horária semanal significativas.

A dificuldade de conciliação entre os horários de trabalhos e estudos é apontada por Helena como o motivo pelo qual por um período teve que escolher apenas trabalhar:

Eu fiz ensino médio e interrompi... porque eu precisava trabalhar e não tinha recursos. Minha família não tinha como financiar meus estudos, então eu estudei até o 2º grau, parei com 17 anos, e aí eu comecei a trabalhar. [...] Com o trabalho eu voltei a estudar. Eu concluí o ensino médio, comecei a fazer uma graduação de administração em uma universidade particular, e aí no fim da graduação eu fiquei grávida e comecei a fazer um curso simultâneo de Gestão Pública na federal. Conclui a graduação da particular, [...] comecei minha especialização na federal, conclui a especialização e a especialização acabou me despertando o interesse pela vida acadêmica, e aí eu comecei o mestrado. (Helena) (AD03).

Posteriormente, apesar de interromper os estudos, Helena retorna e faz de forma sucessiva o final do ensino médio, uma graduação, uma especialização e inicia o mestrado. Em sua existência, a falta de recursos foi associada a necessidade de trabalhar para existir, não apenas como uma possibilidade de emancipação financeira. Se considerarmos que o contexto de produção dos discursos faz com que se estabeleça uma relação entre o discurso, a língua e o

sujeito inserido na história (Pêcheux, 1993). Entendemos que Helena teve a sua existência atravessada por uma injustiça muito grande provocada pela impossibilidade de por um período ser impossibilitada de estudar, fruto da desigualdade de oportunidades atravessa o cotidiano dos membros dos estratos mais baixos da sociedade. A partir do trabalho, Helena conseguiu retornar a estudar.

Podemos concluir então que, na perspectiva de Certeau (1994), houve um somatório de táticas mobilizadas para concluir a trajetória de estudos e estar inserida num espaço de pós-graduação que, como mulher e negra, foi construído interseccionalmente para ela como um não lugar (Teixeira et al., 2015). Na perspectiva certeuniana: “as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (Certeau, 1994, p. 102). Autores como Marins e Ipiranga (2017) ainda ressaltam que as táticas são as artes de manobrar, em que o sujeito de menor poder em uma relação se aproveita de pequenos acontecimentos, fissuras deixadas pelo sujeito de maior poder em suas ações, para que consiga trocar a relação de forças, transformando em ocasiões as situações dadas no tempo.

As lembranças que resgatam sobre a composição e identificação enquanto mulheres e negras nos espaços de maior poder em que estiveram na pós-graduação, até a data de realização das entrevistas, demonstram que nunca se viram representadas como significativas neles, conforme afirmam Luana e Helena:

Esse ano foi o primeiro ano da resolução de cotas na pós-graduação [...], então eu tentei o processo por essa resolução, [...] na minha turma somos trinta e seis pessoas, e duas pessoas negras, [...] e a maioria são homens. [No quadro de professores do departamento] a maioria homens. [...] e não tem nenhum professor negro dos trinta e dois do departamento. (Luana) (AD04).

Quantitativamente havia menos negros na graduação do que agora, assim, na minha turma de mestrado [...] creio [que de] 60 alunos, éramos declarados negros acho que quatro [...]. E em termos de mulher, éramos a minoria na turma. [...] [Em relação aos professores] a minoria esmagadora é mulher, negros não há, somente no quadro técnico administrativo existe. (Helena) (AD05).

Em termos de condições sociais de produção dos discursos, ambos os ambientes de pós-graduação em que as sujeitas de inserem e ao qual se referem é composto em termos numéricos por nenhum professor negro em todo o departamento. Fica evidente pelos discursos das sujeitas de que elas já haviam feito tal reflexão, localizando inclusive quais seriam os espaços, dentro da estrutura material da universidade, que é em quantidade maior ocupada por esses trabalhadores, como na afirmação de Helena de que “*somente no quadro técnico administrativo negro existe*” (AD02). Outras vagas que são ocupadas majoritariamente por mulheres dentro dos espaços físicos da universidade e que foram silenciados nas amostras discursivas das entrevistas são aqueles considerados como não trabalhos, que envolvem as atividades reprodutivas, como as de limpeza, de alimentação, etc.

É nesse sentido que as vozes discursivas se apresentam na amostra discursiva da entrevista de Camila resgatada abaixo:

“... e aí como a universidade não tinha nenhuma política em relação a isso, piora ainda mais, porque ela silencia o nosso sofrimento né... não é essa questão de ‘ah que bom que a gente tá lá dentro’... são

questões afetivas e emocionais que a universidade tem que dar conta... ela faz parte da sociedade, não é que pela estrutura da universidade o racismo deixa de existir.” (Camila) (AD06)

De fato, ao afirmar que por estar inserida em um contexto social, a universidade apresenta desafios estruturais na luta contra o racismo, percebemos que dialoga com ideologias que consideram a implantação das cotas raciais como fundamental para esse fim. Contudo, essa ainda não é uma realidade em todas as instituições públicas. O silenciamento (Conceição, 2009) por parte da instituição sobre essas questões faz com que o cotidiano da maioria das mulheres negras, nesse sentido, nem apresente a possibilidade de chegar até esse lugar. Essa seria uma das principais demonstrações de como as grandes estruturas sociais (Almeida, 2019) se relacionam e impactam nas ações de sujeitos simples, comuns e dificultam que tanto as questões de gênero como de raça sejam assuntos difíceis de tratar nesses lugares de poder, conforme veremos a seguir.

Quando questionadas sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas por elas na pós-graduação, observamos que as três possuem um discurso bastante semelhante, como podemos observar nas amostras discursivas a seguir.

Eu tinha que trabalhar e estudar. [...] Além disso, eu não conseguia estudar o que eu considerava ideal, [...] eu me sentia muito cansada, pelas distâncias que eu tinha que percorrer, [...] grávida, [...]. No mestrado, eu considerava [que] eu tinha um déficit de conhecimento em relação aos meus colegas. Além da questão da idade, da maternidade e de morar longe. [...] Eu não tenho inglês fluente, isso é uma coisa que eu tenho lidado com muita dificuldade. Eu não tenho recurso, nossa pra eu ir em congresso eu tenho que, por exemplo [...] vender coisas minhas [...] pra poder participar desses congressos. Que o valor da bolsa é pequeno, eu vivo de aluguel, tenho uma criança pequena. Então assim, a falta de recurso é realmente assim a maior dificuldade. (Helena)(AD07)

As maiores dificuldades foi ter que trabalhar pra estudar, porque se eu não trabalhasse minha mãe não teria condições nem de pagar uma passagem, mesmo eu tendo bolsa da universidade. [...] Sou bolsista do CNPq, [...] minha bolsa é pra me manter, pra me alimentar, pagar aluguel, pagar conta. [...] E uma das minhas maiores dificuldades é transitar em uma universidade branca. [...] Gastar uma hora pra chegar na universidade também é difícil, a questão do bandeirão que pra gente lá da pós graduação não tem desconto. [...] Eu nunca tive a oportunidade de fazer nenhuma língua durante o ensino fundamental ou médio, [...] nunca tive condições de pagar um curso de inglês. [...] Eu tenho disciplinas que os professores dão somente texto em inglês” (Luana)(AD08)

Dificuldades, eu acho que primeiro [...] a cobrança de você falar inglês. [...] Como é que você vai cobrar uma coisa que ela tem um vínculo direto com a questão econômica. [...] Aí se você não tem uma capacidade de reflexão, você se sente culpado. [...] Por exemplo o professor fica usando termos em inglês recorrentemente dentro de uma sala que ela sabe que os estudantes nem todos falam inglês. Então ele tá falando pra quem? Pra quem é privilegiado. [...] São essas mínimas coisas do dia a dia que vão te colocando no seu lugar sabe, que não é ali. [...] E tem a questão de financiamento, questão das bolsas também, [...] no doutorado eu fui bolsista, se eu não

tivesse bolsa eu não teria condições de ir pra outra cidade e eu mesma me sustentar e levar o ritmo da pós-graduação. (Camila) (AD09)

Em termo de condições sociais de produção dos discursos das amostras discursivas apresentados acima, as dificuldades comuns encontradas pelas entrevistadas refletem as condições socioeconômicas das mulheres negras em nossa sociedade. Quando analisamos a sociedade brasileira, considerando o critério de raça, classe e gênero dos indivíduos: homens brancos estão no topo da pirâmide social enquanto as mulheres negras ocupam a base (Conceição, 2016). Então essas sujeitas vivenciam a academia de maneira diferenciada dos demais a partir do momento em que sua condição de classe não lhe permite desfrutar das mesmas oportunidades. A bolsa recebida é necessária não somente para a manutenção de seus estudos, mas também para sua sobrevivência.

Quando um programa de pós-graduação exige de seus estudantes fluência em inglês desconsidera a realidade socioeconômica da maioria da população brasileira e também a realidade do ensino público do país (Mesquita, & Bezerra, 2020). O que culmina na exclusão de grupos desfavorecidos economicamente dos espaços de produção de conhecimento que são as universidades, perpetuando o ciclo de privilégios dentro da pós-graduação. Quando Luana diz ter dificuldade em “*transitar em uma universidade branca*” (AD08) expõe a realidade da composição racial presente nesse espaço que se diz inclusivo, porém que ainda precisa repensar suas práticas para efetivar a entrada desses grupos, sua permanência e sucesso na carreira acadêmica.

Além dessas questões em comum, a entrevistada Helena possui uma especificidade em sua vida acadêmica que as outras duas não possuem, que é a maternidade.

Desde que eu estava grávida ela [filha] participa da minha vida acadêmica, [...] depois que ela nasceu eu amamentava dentro de sala, eu levava bebê conforto pra dentro de sala. Hoje em dia, na pós-graduação, tem várias situações que ela vai pra universidade, [...] e eu vejo que não tem estrutura nenhuma pra gente nessa situação, sabe. Na Gestão Pública eu já sofri um incidente de um professor me pedir pra sair da sala com a minha filha, na época ela tinha 1 ano e pouco. Eu não tinha com quem deixar. (Helena)(AD10)

No AD10, fazendo uma análise dos aspectos explícitos e implícitos, o cotidiano de Helena é marcado pelas adversidades de uma mãe que precisa encontrar a harmonia entre a vida pessoal e a acadêmica. Nas camadas populares, ainda que os jovens de ambos os sexos comecem a trabalhar na adolescência, os significados desse exercício não é o mesmo, diferenciando-se segundo expectativas e representações referentes as performatividades de gênero (Butler, 2004). Uma dessas performances, para as mulheres, refere-se à maternidade. Muitas mulheres abdicam de sua carreira profissional ou até mesmo de seus estudos para se dedicar a maternagem, e aquelas que não o fazem vivenciam um misto de referências - família, trabalho, meio social, academia, mídia -, precisando construir um sentido de sua experiência por si mesmo (Dubet, 1994). Essas mulheres, negras, pobres, mães encontram barreiras institucionais na academia, pois a universidade, espaço socialmente construído para o masculino, não foi um lugar pensado para receber a maternagem, além dos embates explícitos nas relações interpessoais que dificultam ainda mais sua vivência.

Eu ‘tava parada no corredor com uma colega, da área de finanças, e um professor veio em nossa direção, ele é da linha dela, [...] ai ele me olhou e falou assim “quem é seu orientador? [...]”, ai eu falei “É o [fulano]”, aí ele falou assim “É esse tipo de professor que gosta de trabalhar com gente igual você mesmo. Presidiário, favelado. [...] Quando eu respondo eu caio naquela categoria de mulher negra barraqueira. (Luana)(AD11)

Vemos na AD11 a estruturação de um percurso semântico em “esse tipo de professor”, “gente igual a você”, “presidiário”, “favelado”, “mulher negra barraqueira” que traz em termos de interdiscursividade a direta ligação do imaginário brasileiro aos estereótipos negativos associados aos negros no Brasil (Guimarães, 2006; Nascimento, 2016). É necessário e urgente pensar que a pós-graduação como produtora e difusora de conhecimento tem a responsabilidade de quebrar com pensamentos e práticas de senso comum que perpetuam estruturas racistas e excludentes.

Uma das situações mais tensas que eu vivi, eu faço parte de uma comissão de bolsas da pós-graduação, [...] um professor virou pra mim em uma discussão, eu defendia que as bolsas deviam ser concedidas por um critério socioeconômico, [...] existem pessoas que são pobres, eu já deixei de almoçar porque eu não tinha dinheiro, [...] e como agora existe uma baixa de recursos, de bolsa, tem havido uma tensão, [...] e eu escutei de um professor da área de finanças que “universidade não é lugar de fazer justiça social”, [...] ele só teve coragem de, assim, são vários os motivos que ele teve coragem de falar isso comigo e eu acho que eu ser negra e ser pobre é um deles. Por muito tempo a gente discutiu na reunião e em diversos momentos ele foi desrespeitoso, interrompeu a minha fala (Helena)(AD12)

Em AD12 observamos a explícita opressão vivida por mulheres negras em um espaço predominantemente de homens brancos, que não se sentem nenhum pouco acuados em suas práticas racistas e sexistas, e lutam para perpetuar suas práticas excludentes, pois são estas que irão manter seu lugar de privilégios nesses espaços. Torna-se então explícito que a permanência de mulheres negras na pós-graduação se faz pela necessidade do embate direto ao *status quo*. Mulheres negras sendo os indivíduos mais economicamente vulneráveis são as que diretamente (e mais rapidamente) são afetadas pela diminuição de oferta de bolsas e financiamento. Para Foucault (1995), são esses conflitos e pontos de resistência que produzem os novos sujeitos das relações de poder.

A identidade das entrevistadas, que possuem em comum o fato de serem mulheres (gênero), negras (raça) e de origem pobre (classe) aparecem em todos os momentos das entrevistas e nos relatos de suas experiências e vivências no meio acadêmico, evidenciando a indissociabilidade entre as categorias de gênero, raça e classe (Hirata, 2014) ao se analisar suas táticas e estratégias de enfrentamento as opressões interseccionais da vida cotidiana.

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo analisar as táticas e estratégias mobilizadas por pesquisadoras negras da área da Administração no Brasil para ocupar espaços em instituições federais de ensino superior. Utilizando uma abordagem interseccional elaborada por feministas negras e a perspectiva do cotidiano de Michel Certeau compreendemos como dispositivos significados de poder de gênero, raça e classe atravessam a existência de pesquisadoras negras e afetam e são afetadas pelas suas táticas e estratégias cotidianas. Por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva com entrevistas em profundidade analisadas sob a abordagem da análise francesa do discurso apontamos que, apesar de todas as dificuldades e obstáculos (impostos por estruturas interseccionais de opressão), as mulheres negras têm ocupado um espaço próprio dentro da academia e dos estudos em Administração, a partir do qual suas táticas se modificam para funcionar dentro das fissuras de novas dinâmicas de poder, causadas a partir de dispositivos de poder socialmente construídos.

Uma vez que exista uma baixa presença das mulheres negras nas universidades, sua representatividade tanto em problemáticas de estudos tanto como pesquisadoras é comprometida. Dados de pesquisas sobre mulheres acadêmicas sugerem que a participação das mulheres na ciência ainda não é plena (Lima, Braga, & Carvalho, 2015). Existem dificuldades específicas de grupos dentro de determinada área do conhecimento ou de determinado pertencimento étnico-racial, que devem ser consideradas não apenas pelo governo ao elaborar políticas públicas, mas também por todos nós, enquanto pesquisadores, quando tratamos das desigualdades em nossas pesquisas.

Nesse sentido, percebemos também a importância da abordagem interseccional para esse tipo de pesquisa, por permitir pensar na categoria raça e classe em conjunto com a categoria de gênero. Em um país como o Brasil, pensar em táticas e estratégias movidas por mulheres negras, que se encontram na base da pirâmide social, significa possibilidade de enfrentamento das estruturas patriarcais, coloniais, escravagistas e imperialistas. Pois, como disse Angela Davis (2017) em sua palestra em Salvador: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela".

Não pretendemos com esse estudo a afirmação de verdades universais e nem a construção de um modelo estratégico a ser seguido. Mas esperamos que os resultados dessa pesquisa possam trazer reflexões para o campo ajudando a entender as diferentes artes de fazer, relacionadas às estratégias e as táticas dessas mulheres, que buscam reconhecimento e espaço em suas vidas profissionais e pessoais. Problematizando-as no cotidiano da prática administrativa, fazemos um convite a reflexão e tornamos evidente diferentes formas de gerir. Tais reflexões podem evidenciar "novos" saberes, novas formas de entender a realidade cotidiana dessas mulheres. Nesse sentido, este trabalho contribui para o campo dos Estudos Organizacionais ao resgatar saberes e práticas que produzem dinâmicas específicas de enfrentamento cotidiano pela sobrevivência dentro da academia, uma vez que essas mulheres são marcadas por interseccionalidades de gênero, raça e classe.

No ambiente acadêmico, os discursos das entrevistadas demonstraram que elas sempre se sentiram pouco representadas, tanto em aspectos numéricos, como em apoio às demandas próprias da sua existência, como a existência de cotas, apoio financeiro e oportunidades. Para lidar com essas desigualdades estruturais que permeiam a sua existência, essas mulheres mobilizaram táticas, como conciliar trabalho com estudo, aprender sozinhas aquilo que aos outros era dado como privilégio e possuir uma gestão do tempo que as permitisse coexistir de todas essas maneiras, mesmo em uma sociedade machista e sexista.

Desta forma, mulheres negras têm ocupado espaços que antes para elas eram não-lugares. O espaço próprio que essas mulheres têm ocupado dentro da academia e dos estudos em administração demonstram que a partir de cada lugar novo conquistado, suas táticas se modificam para funcionar dentro das fissuras de novas dinâmicas de poder, diferentes das anteriores, mas todas causadas a partir de dispositivos de poder socialmente construídos de gênero e raça. Acreditamos que ao evidenciar as maneiras pelas quais essas resistências operam no nível cotidiano, possamos contribuir para resgatar narrativas não hegemônicas e saberes próprios, devidamente localizados dessas sujeitas.

Corroboramos com Teixeira et al., (2021) quanto à necessidade da ampliação das temáticas e da participação de grupos historicamente marginalizados no campo da Administração para que estes sujeitos não sejam colocados na condição de objetos de pesquisa, mas que sejam reconhecidos enquanto sujeitos produtores de conhecimento. Assim, apesar deste trabalho se configurar como um desses esforços, ao trazer mulheres negras não apenas como sujeitas de pesquisa, mas também como referências teóricas, epistemológicas e analíticas, reconhecemos que ainda há muito o que avançar. Propomos para estudos futuros um maior engajamento de pesquisadores e pesquisadoras da área no que se refere a diversidade e pluralidade de sujeitos, seja enquanto autores do trabalho, sujeitos de pesquisa e referenciais utilizados.

Referências

Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra.

Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra.

Barreto, P. C. S. (2015). Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciências Políticas*, (16), 39-64. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151603>

Barros, A., & Carrieri, A. de P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150205>

Beltrão, K. I., & Teixeira, M. P. (2004). *O vermelho e o negro: raça e gênero na universidade brasileira*. Recuperado em agosto de 2017. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1893/1/TD_1052.pdf.

- Bottero, W. (2004). Class identities and the identity of class. *Sociology*, 38(5), 985-1003. <https://doi.org/10.1177/0038038504047182>
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Oxfordshire: Routledge.
- Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2017). As identidades fragmentadas no cotidiano da Feira do Produtor de Maringá. *Organizações & Sociedade*, 24(81), 285-304. <https://doi.org/10.1590/1984-9230815>
- Cantoral-Cantoral, G. (2016). Vida cotidiana: uso/ocupación del tiempo/espacio y reconfiguración identitaria de género en San Cristóbal de Las Casas, *LiminaR*, 14(2), 70-84.
- Carrieri, A. P., Murta, I. B. D., Teixeira, J. C., & Souza, M. M. P. (2012). Estratégias e Táticas Empreendidas nas Organizações Familiares do Mercado de Madureira (Rio de Janeiro). *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 13(2), 196-226. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712012000200008>
- Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração (São Paulo)*, 47(4), 698-713. <https://doi.org/10.5700/rausp1178>
- Carneiro, A. S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: as artes do fazer*. (Vol. 1) Petrópolis: Vozes.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (J. P. Dias, trad.) São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1930).
- Conceição, E. B. (2009, setembro). A negação da raça nos estudos organizacionais. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 33.
- Conceição, E. B. (2016). Mulher negra em terra de homem branco: mecanismos de reprodução de desigualdades. In: A. de P., Carrieri, J. C., Teixeira, & M. C. R. Nascimento (Orgs.). *Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais*. (pp. 277 - 319) Salvador: EDUFBA,
- Costa, R. G. (2009). Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias* (21), 94-120. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100006>
- Crenshaw, K. W. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1), 139-167.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.

- Davis, A. (2017) *Feminismo negro decolonial nas Américas*. (Salvador, palestra online). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Az3uvwz0P1M>.
- Degob, R., & Palassi, M. P. (2009) Os sentidos da participação dos colaboradores nos projetos e ações sociais dos Correios do Estado do Espírito Santo. *Organizações & Sociedade* 16(49), 265-286. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302009000200004>
- Dubet, F. (1994). *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Faria, A. A. M. (2009). Aspectos de um discurso empresarial. In: A. P., Carrieri et. al. (Orgs.). *Análise do discurso em estudos organizacionais*. (Cap. 2, pp. 45-52) Curitiba: Juruá,
- Fernandes, F. (1972). *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Ferraço, C. E. (2017). Currículo-docência-menor e pesquisas com os cotidianos escolares. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, 19(3), 529-546. <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2017v19n3p529-546>
- Ferreira, C. (2016). Nas tramas do cotidiano: experiências de jovens e mulheres trabalhadoras na indústria têxtil de Blumenau (1958-1968). *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 29(59), 725-744. <https://doi.org/10.1590/S2178-14942016000300009>
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.) Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In: P., Rabinow & H., Dreyfus (Aut.) *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (Apêndice, pp. 231-239) (V. P. Carrero, trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1992). *Microfísica do poder*. (10ª ed.) Rio de Janeiro: Graal.
- Gonzalez, L. (2018). *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Filhos da África.
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347. <https://doi.org/10.25113/farol.v5i12.3668>
- Gouvêa, J. B.; Ichikawa, E. Y. (2015). Micropráticas Cotidianas: A Voz Silenciosa dos Indivíduos em Oposição ao Formalmente Estabelecido na Gestão Cooperativa? Uma Reflexão Teórica. *Perspectivas Contemporâneas*, 10(2), 92–107.
- Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (4ª ed.) São Paulo: Atlas.
- Guimarães, A. S. (2006). Depois da democracia racial. *Tempo Social*, 18(2), 269-287. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702006000200014>

- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26(1), 61-73. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>
- Irwin, S. (2015). Class and comparison: Subjective social location and lay experiences of constraint and mobility. *The British Journal of Sociology*, 66(2), 259-281. <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12121>
- Kergoat, D. (2012). *Se battre, disent-elles...*, Paris: La Dispute.
- Kergoat, D. (2010). Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos estudos CEBRAP* (86), 93-103. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000100005>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2002). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Lima, B. S., Braga, M. L. S., & Tavares, I. (2015). Participação das Mulheres nas Ciências e Tecnologia. *Gênero*, 16(1), 11-31. <https://doi.org/10.22409/rg.v16i1.743>
- Lombardi, M. R. (2004). Mulheres engenheiras no mercado de trabalho brasileiro: qual seu lugar? In: I. M.S., Galeazzi (Ed.) *Mulher e Trabalho*. Porto Alegre: FEE.
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, 22(3), 935-952. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>
- Machado, I. J. R. (2002). mestiçagem arqueológica. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24(2), 385-408. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200007>
- Marins, S. R., & Ipiranga, A. S. R. (2017). O organizar ampliado de práticas cotidianas nos bairros da cidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(9), 148-204.
- Mesquita, J. S., & Bezerra, M. S. (2020). “Brazil cannot stop”: meritocratic ideology in an unequal country. *Gender, Work & Organization*, 28(52) 1-15. <https://doi.org/10.1111/gwao.12589>.
- Minella, L. S. (2013). Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna? *Cadernos Pagu*, (40), 95-140. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000100003>
- Nascimento, A. do. (2016). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (3ª ef.) (Coleção Palavras Negra). São Paulo: Perspectivas.
- Pêcheux, M. (1993). Análise automática do discurso. In: F. Gadet & T., Hak, (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (Cap. 3, pp. 61-162, 2ª ed.) Campinas: Editora da Unicamp.
- Rey, F. G. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

- Richard, N. (2002). Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. (pp. 142-155) Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Rodrigues, F. S., & Ichikawa, E. Y. (2015). O cotidiano de um catador de material reciclável: a cidade sob o olhar do homem ordinário. *Revista de Gestão Social e Ambiental; São Paulo*, 9(1), 97-112. DOI:10.5773/rgsa.v9i1.999
- Saffiotti, H. (2009). *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. Recuperado em 27/07/2021, de http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Heleieth_Saffiotti.pdf
- Santos, J. T., & Queiroz, D. M. (2013). O impacto das cotas na Universidade Federal da Bahia (2004-2012). In J. T., Santos (Org.). *O impacto das cotas nas universidades públicas brasileiras (2004-2012)*. (Cap. 3, pp. 37-65) Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais.
- Santos, T. (2007). *Trajetórias de professores universitários negros: a voz e a vida dos que trilharam*. Cuiabá: EdUFMT.
- Saraiva, L. A. S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil.
- Scott, J. (1989). *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press.
- Souza, E. M. (2016). Fazendo e desfazendo gênero: a abordagem pós-estruturalista sobre gênero. In: Carrieri, A. P., Teixeira, J. C., & Nascimento, M. C. R. (Orgs.). *Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais*. (pp. 23-55.) Salvador: EDUFBA.
- Teixeira, J. C. (2016). A graduação e a pós-graduação: lugares de quem? *Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil, 4.
- Teixeira, J. C., Oliveira, J. S., & Carrieri, A. P. (2020). Por que falar sobre Raça nos Estudos Organizacionais no Brasil? Da discussão biológica à dimensão política. *Perspectivas Contemporâneas*, 15, 46-70.
- Teixeira, J. C., Oliveira, J. S., Diniz, A., & Marcondes, M. M. (2021). Inclusão e diversidade na Administração: manifesta para o futuro-presente. *Revista de Administração de Empresas*, 61 (3). <https://doi.org/10.1590/S0034-759020210308>
- Teixeira, J. C., Saraiva, L. A. S., & Carrieri, A. P. (2015). Os lugares das empregadas domésticas. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 161-178. <https://doi.org/10.1590/1984-9230728>

Van Dijk, T. A. (1997). Discourse as interaction in society. In: T. A. Van Dijk (Ed.). *Discourse as Social Interaction (Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction)*. (pp. 1-37) London: Sage.

Vasconcellos, E. C. C., & Brisolla, S. N. (2009). Presença feminina no estudo e no trabalho da ciência na Unicamp. *Cadernos Pagu*, (32), 215-265.